

Diwlay Marinho (Org.)



O IMAGINÁRIO DA
CULTURA CHAPADINHENSE

© 2024 Diwlay Bacelar Marinho

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, em qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores.

Organização: Diwlay Bacelar Marinho

Projeto gráfico e Capa: Sânya Pereira Menezes / Diwlay Bacelar Marinho

Revisão: Diwlay Bacelar Marinho / Maria Auridéia Moraes do Vale

Edição: Diwlay Bacelar Marinho / Rayssa Viana

Diagramação: Diwlay Bacelar Marinho / Liana Marinho / Rayssa Viana

Recursos: Canva

F143i

Faculdade do Baixo Parnaíba

O imaginário da cultura chapadinhense. / Elaborado pelos graduandos do curso de Pedagogia ; Organizado por Diwlay Bacelar Marinho. – Chapadinha: CRESU [distribuidor], 2024.

“Disponibilizado pela Faculdade do Baixo Parnaíba”

62 f. : il.

Formato: Ebook

Modo de acesso: World Wide Web

1. Poesia. 2. Produção acadêmica. 3. Regionalidade. I. Marinho, Diwlay Bacelar (Organizadora). II. Título.

CDU 82-1(812.1)

DEDICATÓRIA

Aos nossos avós e pais que nos presentearam com as mais belas, apavorantes e intrigantes histórias e fizeram da nossa infância um lugar memorável, aconchegante e inesquecível



AGRADECIMENTOS

Turma 4º Período de Pedagogia 2024

A leitura abre portas para diferentes mundos, culturas, perspectivas e épocas, ampliando nossos horizontes e a compreensão do mundo e das pessoas ao nosso redor. Com isso em mente, esperamos que, ao mergulhar neste livro, você tenha a oportunidade de vivenciar experiências diversas, desenvolver empatia, usar sua imaginação e ver o mundo através das nossas lembranças.

Com base nesse propósito, agradecemos primeiramente a Deus, por nos permitir realizar este trabalho e por guiar cada etapa desse processo. Agradecemos também a nossa professora de literatura Diwlay Marinho por todo carinho, acolhimento e paciência conosco, sempre acreditando no nosso potencial e ajudando a desenvolver a nossa visão do mundo literário. Não podemos deixar de agradecer a Sânya por ser nossa ilustradora, colaborando para a imaginação dos leitores e dando vida aos nossos contos e também a Faculdade do Baixo Parnaíba por nos apoiar nesse projeto.

Assim, esperamos que ao ler os nossos contos, você entre em contato com suas mais belas lembranças e se encante pelo mundo literário.



APRESENTAÇÃO

Diwlay Bacelar Marinho

O livro “O imaginário da Cultura Chapadinhense” reúne as mais criativas histórias reais e relatos ficcionais do município de Chapadinha-MA, representada na experiência de vida e na escrita dos nossos acadêmicos do 4º período do Curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba-FAP.

É satisfatório podermos socializar com a comunidade acadêmica e a sociedade o acesso as lembranças dos contos culturais. Ao ler as narrações percebemos que estes contos estão em nosso imaginário, e perpassam gerações, através da memória oral.

Esta reunião de contos é um importante incentivo para despertar o conhecimento literário na região. São 18 contos escritos pelos graduandos como atividade prática desenvolvida na 3ª edição do Projeto Contando e Encantando que faz parte da disciplina “Literatura para a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, sob minha orientação.

Com esta publicação, acreditamos que contribuimos para promover a interação entre os acadêmicos, os estudantes das escolas de educação básica e a sociedade chapadinhense. Colaboramos assim, com a propagação do conhecimento da região, a troca de experiências e a formação de novos leitores e escritores.

SUMÁRIO

9 FÉRIAS DE INVERNO

Ana Letícia do Nascimento do Oh

13 O GIRASSOL QUE PROCURA A VERDADEIRA LUZ

Camille Sofia Cordeiro Cavalcante

17 A MENINA QUE SONHAVA GANHAR UMA BICICLETA

Edileusa Maria Albuquerque Gomes

20 A ÁRVORE BRILHANTE

Emanuelle Mendes Machado

23 O GUARDIÃO DO VENTO

Francisco Micael Melo da Costa

26 A BICICLETA AMARELA DE GABRIELLA

Gildeanny dos Reis Carvalho

28 CHAPADA DAS MULATAS

Grazielly Carvalho Valadares

A AVENTURA DO OURO PERDIDO

30 *Itamara da Silva Sousa*



32

A CASA DO SUSSURRO

Jhenyelle de Melo Martins

35

A CARONA BONDOSA

Júlia de Oliveira Coelho

39

O REINO ENCANTADO DAS CORES

Kelly Rânia Costa Lima

42

NÃO LEIA NA SEXTA-FEIRA

Lara Hevelly Monteles da Costa

48

AS AVENTURAS DE MALU E A FLORESTA ENCANTADA

Maria Eduarda Felix de Carvalho

52

A DESOBEDIÊNCIA

Maria Illana Ferreira da Silva

54

O MENINO E O PEIXE DOURADO

Nair de Sousa Povoá

57

HISTÓRIAS COM A AVÓ

Paulo Henrique Moraes de Sousa

60

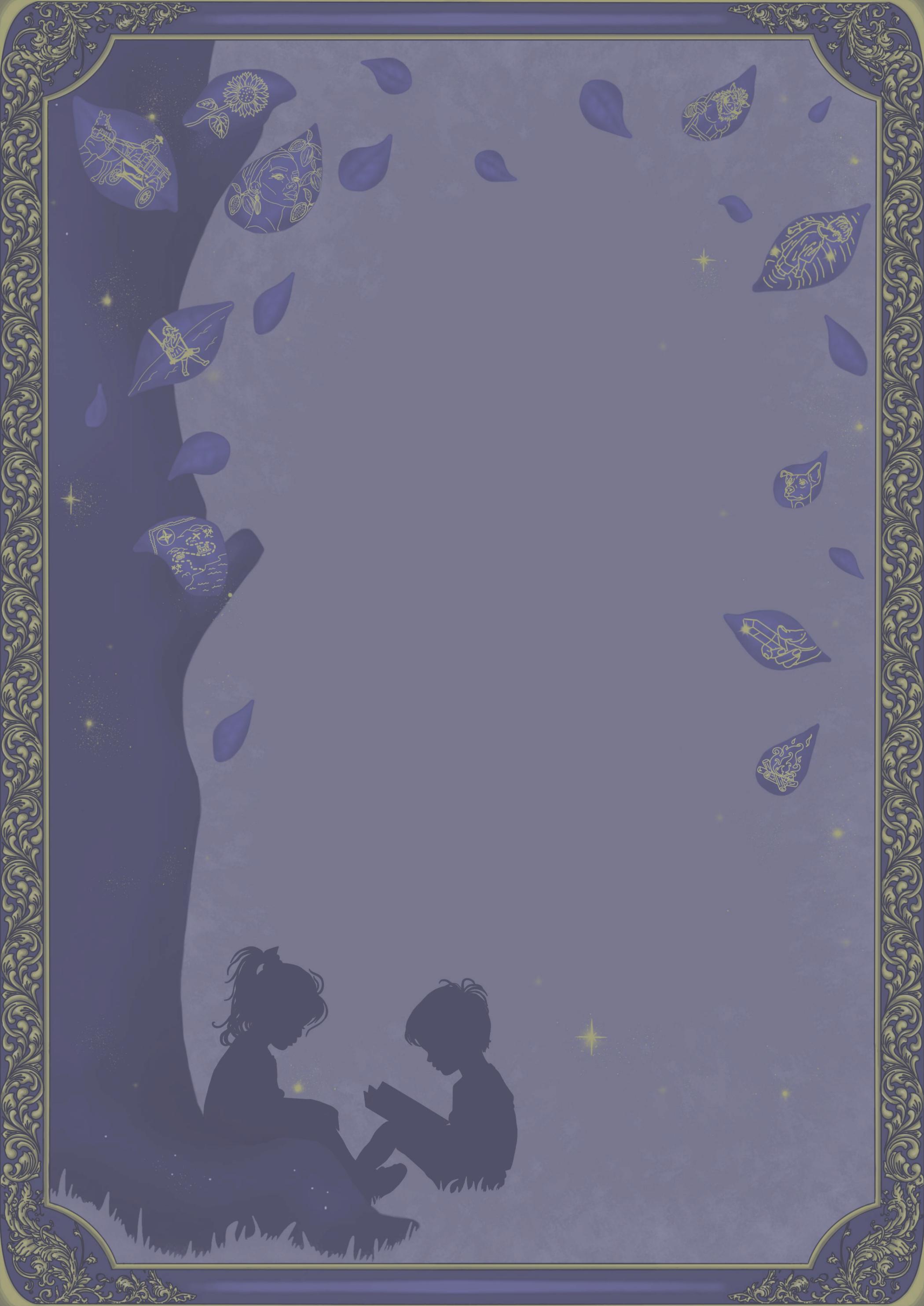
A CASA NO CAMPO

Rayanne Cristina de Sousa da Silva

62

O CACHORRO RIDER

Zilmara Oliveira de Sousa



No final do ano letivo, a felicidade e a ansiedade começam a ressurgir; o desespero de não ter passado de ano e, assim, levar uma bronca dos pais, começa a tomar conta do meu ser. Mas isso nem se comparava ao fato de que o castigo seria deixar de ir passar as férias na casa do vovô e da vovó, que era mil vezes pior do que uma ameaça de levar uma taca.

O inverno se aproximava e a melhor época do ano estava chegando; os pensamentos iam longe, a alegria de imaginar e detalhar cada dia das férias era uma sensação única; os dias pareciam passar mais devagar só porque o fim do ano estava próximo, mas isso não era motivo de desânimo, não para mim!

Gritos de felicidade, choros de medo, pulos de alegria e o sentimento de saudade, todos esses sentimentos misturados era só o último dia de aula. E ali passava todos os momentos que vivenciamos ao longo do ano, e o tão sonhado resultado de que eu havia passado de ano. A sensação era um máximo! Finalmente chegaria à minha casa correndo pra arrumar aquela mochila pra viajar pro lugar mais divertido e memorável onde passávamos o ano inteiro só imaginando. Finalmente, férias! Foram as duas horas de viagens mais longas de toda a minha vida, mas cada minuto e cada hora valia a pena. Só em ver o carro subindo aquela ladeira e a imagem daquela casinha de barro, com uma linda porteira pintada pelos netos nas férias passadas, tomava conta de mim uma nostalgia e sensação de aquele ano seria mil vezes mais divertido e único.

Poder acordar todos os dias com aquele som dos passarinhos cantando e o nascer do sol, com todas aquelas redes armadas e as pontas dos lençóis pra fora, uma conversa sem fim quando era apenas seis horas da manhã. Já sentíamos o cheiro do café de longe, a correria pro banheiro pra quem escovava primeiro os dentes, pra quem chegava primeiro na mesa e pra quem dava a benção pros velhinhos da casa.

O tempo passava numa velocidade tão grande que a gente nem percebia. Já era meio-dia e a vovó gritava a gente pra poder ir almoçar. E lá ia saindo menino de dentro dos matos, pulando porteira e descendo das árvores. A melhor parte daquele lugar, além da companhia daquelas duas cabeças branquinhas, era aquele imenso riacho com pula-corda, um balanço e aquela árvore que subíamos e pulávamos lá de cima dentro do riacho; as pescas com o vovô à tardezinha eram engraçadas, em vez de pegarmos peixes, a gente espantava todos eles com tantas conversas e perguntas para os velhinhos.

As muriçocas e mosquitos sempre venciam e acabávamos indo embora de mãos abanando, mas com a memória cheia de vivências pra contar. A parte mais divertida eram as histórias contadas, lendas e mitos, descobertas de coisas que nunca imaginávamos, antepassados, e nossas origens. Quando a coruja começava a cantar, parece que junto daquele som também chegava o sono. Quando a gente se dava conta, já estávamos todos em nossas redes; ali era o único lugar que ninguém colocava banca, do acordar ao dormir, muito menos da rotina. Tudo era possível naquele lugar, tudo podia, não existiam regras, nem adultos chatos para impedir as nossas brincadeiras mais pesadas e divertidas. Naquele lugar, eram proibidos os pais – eles só iam no último dia das férias. A época deles de ser crianças já tinha passado, era nossa vez de vivenciarmos nossas infâncias divertidas e agitadas.

As férias estavam acabando e o que se aproximava cada vez mais era a emoção de aproveitar o restante dos últimos dias de divertimento. Era uma competição de quem se divertia mais. No final das contas, todos ganhavam, nem tem como perder mesmo quando o objetivo principal era a descontração em cada encontro, cada brincadeira.

Finalmente e infelizmente, o último e mais temido dia tinha chegado, só de escutar o som daqueles carros e motos chegando a gente corria e se escondia. A vovó até tentava falar com aqueles chatos pra deixar a gente ficar só mais uns dias, mas como adultos chatos e cheios de responsabilidades a resposta sempre era não.

Eu nunca soube lidar bem com a despedida, o choro era inevitável, mas a necessidade de voltar para a realidade da vida urbana ressurgia e a rotina normal nos chamava. E ali nos despedíamos com um até logo, cada um ia saindo e a casa ficando vazia novamente, o silêncio tomando de conta. E tudo voltava a ser como antes, dias chatos, com tarefas a cumprir, horários e funções a serem cumpridas. Tudo virava saudade, só permanecia a ansiedade das próximas férias de inverno. Aquele lugar cheio de lembranças era só um lugar com qualquer outro, o que fazia ele ser divertido e o nosso lugar preferido eram aqueles dois velhinhos que moravam lá, cheinhos de amor, aconchego, atenção e proteção que jamais encontraríamos em outro lugar. Era o nosso refúgio, nossa paz.

Fazer e viver tudo o que podíamos e queríamos era uma das coisas mais fantásticas que podia acontecer. A gente podia ser criança e viver como criança sem medo e sem se preocupar com a chegada de nossos pais para acabar com a nossa alegria, em exceto no final das férias em que tudo virava saudade.

Chegou o fim de nossos momentos de alegria em mais uma temporada de férias, volta às aulas e junto com ela a famosa redação de como foram as férias. As linhas daquele papel nunca foram suficientes para preencher tudo aquilo que vivenciávamos, e então viravam as melhores histórias pra contar durante todo o ano letivo, até chegar as próximas férias.

O GIRASSOL QUE PROCURA A VERDADEIRA LUZ



Camille Sofia Cordeiro Cavalcante



Era uma tarde dourada, e o sol descia lentamente no horizonte, banhando o campo de girassóis com uma luz cálida. Entre as flores, uma menina loira, de olhos brilhantes e pele alva, corria descalça. Seus cabelos dourados refletiam os raios do sol, como se fossem uma extensão da própria luz. Seu nome era Clara.

Clara adorava passear no campo. Seus pais sempre lhe contavam histórias sobre como os girassóis seguiam o sol, buscando sua luz. Ela sentia que, de algum modo, fazia o mesmo, procurando uma luz maior que a guiaria. Naquele dia, porém, algo especial a esperava.

Enquanto corria por entre as flores, Clara ouviu um riso suave. Parou, franzindo o cenho. Nunca havia encontrado alguém no campo além de seus pais. Ao virar-se, viu alguém que a observava com um sorriso calmo. Ele tinha cabelos escuros e olhos profundos, que pareciam conter tanto a noite quanto a manhã dentro de si.

- Quem é você? Clara perguntou, aproximando-se cautelosamente.

- Alguém que veio desfrutar esse belo momento, disse ele, com sua voz suave, mas cheia de significado.

- Você sempre corre por aqui, mas hoje é especial.

Clara piscou, confusa perguntou:

- Especial? Por quê?

Ele não respondeu de imediato. Olhou para o céu, onde o sol começava a se esconder atrás das colinas. Foi então que Clara percebeu algo estranho: havia um pequeno furo na palma de sua mão direita, como se ele tivesse sofrido uma ferida antiga e bem dolorosa.

Porque hoje você verá o que sempre procurou, respondeu ele, baixando a mão de forma natural, sem mencionar o que Clara havia visto.

Intrigada, ela olhou ao redor. Nada parecia diferente. Os girassóis balançavam levemente ao vento, o céu brilhava com as cores do entardecer. Seus pais estavam distantes, acenando para ela, prontos para voltar para casa.

- Eu não entendo, ela disse, virando-se novamente para aquele alguém. Mas ele não estava mais lá.

Um arrepio percorreu seu corpo. Como ele desaparecera tão rápido? Clara olhou ao redor, mas não havia sinal dele. Foi então que algo incomum aconteceu. As flores à sua volta começaram a brilhar, emitindo uma luz suave e dourada que parecia emanar do próprio centro dos girassóis.

De repente, uma voz profunda e serena ecoou pelo campo, mas não vinha de nenhum lugar em particular. Parecia estar dentro dela, ao seu redor e acima dela ao mesmo tempo.

- Você sempre procurou a luz, disse a voz. "E agora a encontrou."

Clara sentiu seu coração acelerar. A voz era tranquilizadora, mas imensamente poderosa.

"- Quem é você?" perguntou, sua voz mal saindo num sussurro. A luz dos girassóis intensificou-se, quase cegante.

-Eu sou aquele que você sempre soube que existia, mas nunca via. "Sou a luz que seus pais falaram, a luz que você seguiu sem perceber, sou a luz que brilha tanto quanto o sol."

Clara, sentiu-se pequena diante da presença imensa que a cercava.

A voz não respondeu diretamente, mas Clara sentiu uma paz profunda, algo que não podia ser explicado, apenas sentido.

O campo, os girassóis, o próprio céu pareciam pulsar com vida, como se tudo estivesse conectado por uma força invisível.

Ela ficou ali por um momento que pareceu durar uma eternidade, ou talvez apenas um segundo. Quando voltou a si, o campo estava silencioso, os girassóis imóveis. O sol já havia quase desaparecido, e o mundo estava envolto em uma quietude misteriosa.

Clara caminhou lentamente até seus pais, que a esperavam com sorrisos carinhosos. Clara olhou para o campo atrás de si, onde o brilho dos girassóis ainda dançava em sua memória.

Enquanto caminhavam para casa, Clara lançou um último olhar para o campo. No horizonte, onde o sol se punha, uma figura distante observava-a novamente, sua silhueta delineada pela luz dourada. Algo dentro dela sabia que ele era mais do que apenas "alguém".

Foi então que ela lembrou do furo na mão dele, e seu coração se encheu de uma certeza silenciosa. Ele sempre esteve perto dela, mesmo que ela não o visse.

- Mamãe, você viu? Perguntou ela.

- Olá, querida, você finalmente acordou, estamos quase chegando. Disse sua mãe animada.

- Chegando aonde? Perguntou Clara surpresa.

- Ao campo de girassóis querida.

A MENINA QUE SONHAVA GANHAR UMA BICICLETA



*Edileusa Maria
Albuquerque Gomes*



Era uma vez uma menina chamada Ana, que morava em uma pequena cidade. Ana tinha onze anos e, como muitas crianças da sua cidade, sonhava alto. Um dos seus maiores sonhos era ganhar uma bicicleta. Ela sempre via seus amigos pedalando pelas ruas e parques, rindo e se divertindo, e isso a deixava cheia de vontade.

Ana vivia com seus pais em uma casa simples, e sua família não tinha muito dinheiro. Apesar disso, os seus pais não acreditavam em seus sonhos. Seria necessário trabalhar duro, dia após dia durante todo o ano, a fim de realizar esse sonho tão distante. Chegando o mês de dezembro, Ana começou a contar os dias para o Natal. Ela fez uma lista de desejos e, no topo dela, estava a tão sonhada bicicleta azul.

Todo dia, Ana olhava para a bicicleta exposta na loja da cidade, era linda, com detalhes em branco e um cesto na frente, ela imaginava como seria pedalar com o vento na beira da praia explorando cada canto da sua cidade. E sonhava em levar seus amigos para passear. Ana decidiu que, para realizar seu sonho, precisava fazer algo especial.

Assim, começou a ajudar a sua mãe em pequenos afazeres, vendendo cachorro-quente na beira da rua e até ajudando vizinhos com serviços de jardim, catando as folhas e limpando os ambientes. Cada moeda que juntava ia para o cofrinho que ela guardava com muito carinho.

As semanas passaram rápido e a árvore de Natal na sala de estar começou a ser decorada. Ana não conseguia parar de pensar na bicicleta.

Na noite de Natal, a família se reuniu para trocar presentes. O coração de Ana batia rápido enquanto ela desembulhava o que parecia um presente pequeno e regular. Quando abriu, era um

livro de matemática. Ana sorriu, mas sentia que, de certa forma, a bicicleta ainda não tinha chegado.

Após a troca dos presentes, seus pais a chamaram para um momento especial, dando a ela uma caixa bonita. Com os olhos brilhando de ansiedade, Ana abriu a caixa e dentro havia uma carta escrita à mão.

– Querida Ana, este ano você nos ensinou sobre trabalho duro e determinação. Seu sonho é importante para nós. Com muito amor, seus pais,

No dia seguinte, seu pai apareceu com um pano cobrindo algo. Com um movimento estranho e ele revelou “A bicicleta azul”. Ana ficou em choque, olhos cheios de lágrimas, não conseguia acreditar que seu sonho tinha se tornado realidade.

Ela pulou e abraçou seus pais, gritando de alegria, saiu pedalando pela cidade sentindo a liberdade que sempre sonhou.

A partir daquele dia, a bicicleta não era apenas um meio de transporte, mas sim a realização de um sonho e um símbolo de tudo que ela era capaz de conquistar. Ela descobriu o quanto era poderosa em fazer seus próprios sonhos se tornarem real. Aprendeu que sempre vale a pena esperar.

A ÁRVORE BRILHANTE



Emannuelle Mendes Machado



Certa vez, em uma vila distante cercada por montanhas e florestas densas, vivia um velho carpinteiro chamado José. Ele era conhecido por sua habilidade em criar móveis e esculturas de madeira que pareciam ganhar vida. Porém, com o passar dos anos, José ficou cada vez mais isolado, evitando o contato com as pessoas da vila e focando apenas no trabalho em sua pequena oficina.

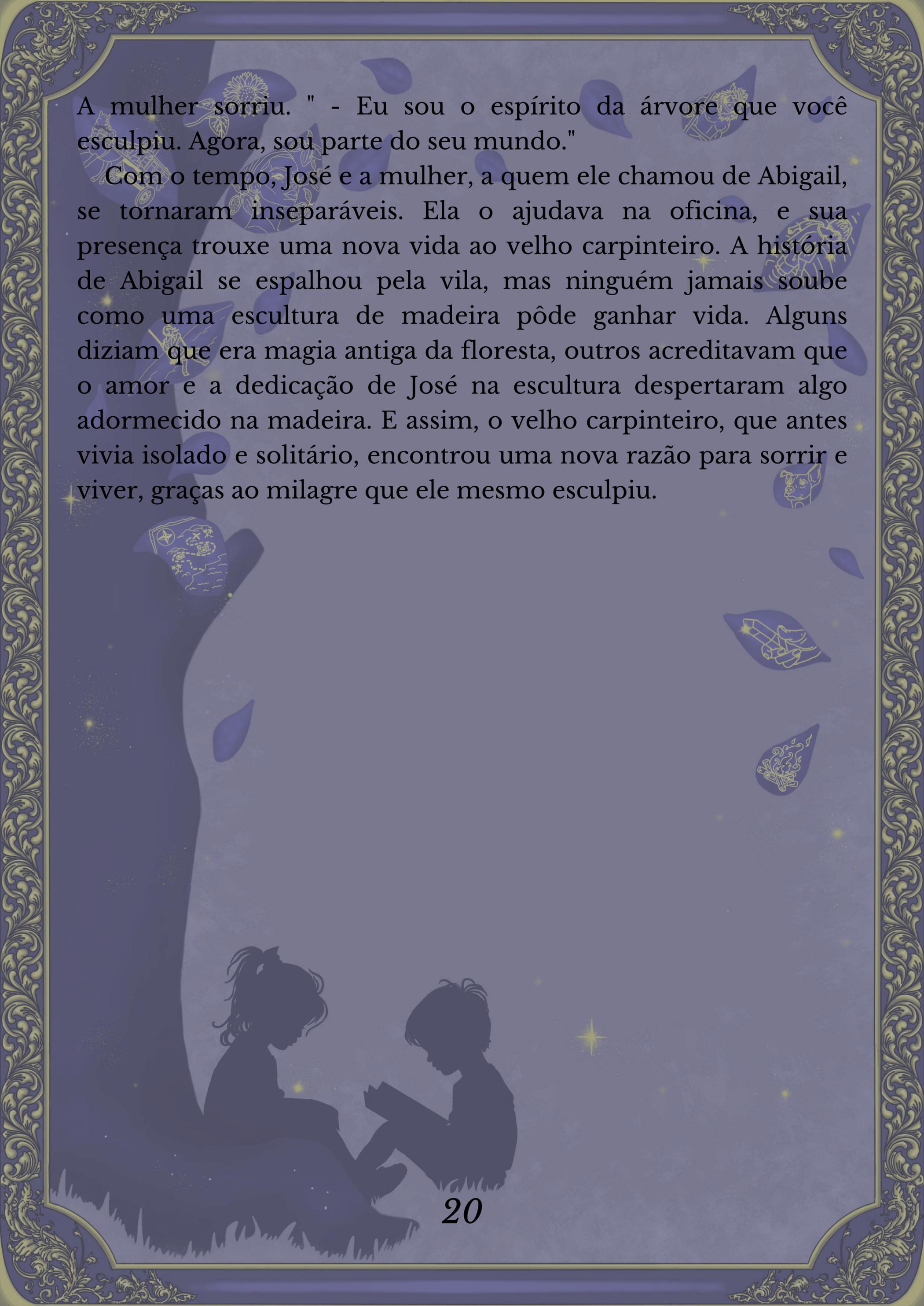
Certa manhã, ao caminhar pela floresta em busca de madeira, José encontrou uma árvore diferente de todas as outras. Suas folhas brilhavam como ouro ao sol, e sua casca emanava um suave calor. Ele sentiu uma conexão imediata com aquela árvore e decidiu levar um grande pedaço de sua madeira para esculpir algo especial.

De volta à sua oficina, José começou a trabalhar na madeira com uma concentração incomum. Seus dedos pareciam se mover sozinhos, guiados por uma força invisível.

Em poucas horas, ele terminou a escultura de uma bela mulher com traços delicados e olhos que pareciam observar o mundo ao redor com uma curiosidade viva.

Ao cair da noite, José colocou a escultura sobre a mesa e foi dormir, exausto pelo esforço. No entanto, algo mágico aconteceu. A luz suave da lua penetrou pelas janelas da oficina e, aos poucos, a escultura começou a brilhar. Seus olhos, espantados, piscaram. Lentamente, a mulher de madeira desceu da mesa e, com passos delicados, se aproximou do velho.

Na manhã seguinte, José acordou sentindo uma presença diferente no ar. Ao se virar, encontrou a mulher de madeira, agora viva, sentada ao seu lado. Seus olhos a observavam com ternura, e uma sensação de paz tomou conta dele. O carpinteiro, surpreso, mal conseguia acreditar no que via. "- Quem é você?" ele perguntou, com voz trêmula.



A mulher sorriu. " - Eu sou o espírito da árvore que você esculpiu. Agora, sou parte do seu mundo."

Com o tempo, José e a mulher, a quem ele chamou de Abigail, se tornaram inseparáveis. Ela o ajudava na oficina, e sua presença trouxe uma nova vida ao velho carpinteiro. A história de Abigail se espalhou pela vila, mas ninguém jamais soube como uma escultura de madeira pôde ganhar vida. Alguns diziam que era magia antiga da floresta, outros acreditavam que o amor e a dedicação de José na escultura despertaram algo adormecido na madeira. E assim, o velho carpinteiro, que antes vivia isolado e solitário, encontrou uma nova razão para sorrir e viver, graças ao milagre que ele mesmo esculpiu.

O GUARDIÃO DO VENTO



Francisco Micael Melo da Costa



Em uma pequena cidade chamada Chapadinha, escondida no interior do Maranhão, vivia um menino chamado Enzo. Ele era um garoto comum, de 15 anos, que adorava brincar com os amigos, andar de bicicleta e explorar as trilhas de terra que cercavam a cidade. Mas algo aconteceu na vida de Enzo que mudaria seu destino para sempre. Certo dia, enquanto voltava de uma pescaria do rio da Macabeira com seu avô, Lucas tropeçou em uma pedra que parecia ter algo escrito. Ele pegou a pedra e percebeu que brilhava de um jeito estranho sob o sol.

Curioso, botou no bolso e levou para sua casa sem seu avô ver. A partir daquele momento, passou a observar a pedra todas as noites antes de dormir. E foi em uma dessas noites, quando a lua cheia iluminava o céu, que tudo aconteceu. Enquanto Enzo segurava a pedra em suas mãos, um forte clarão encheu o quarto. De repente, percebeu algo estranho: ele podia ouvir sons, mas não sons comuns, mas sim os pensamentos das pessoas. Confuso e assustado, ele percebeu que, de alguma forma, conseguia ouvir as mentes das pessoas.

Nos dias seguintes, Enzo descobriu que seus novos poderes não se limitavam apenas a ouvir pensamentos. Ele conseguia mover pequenos objetos apenas com a telepatia. Com o tempo, Enzo começou a treinar para melhorar seus poderes, sentia também uma estranha conexão com o vento, que parecia responder à sua vontade.

No começo, Enzo usou seus poderes para se divertir, usando para tirar proveito no seu dia a dia. Fazia isso para sempre ganhar nas brincadeiras dos seus amigos, e até ouvia os pensamentos de seus colegas para saber o que eles pensavam sobre ele. Mas, numa tarde assistindo o desenho do Homem-Aranha, ele começou a escutar que, com grandes poderes, também vêm as grandes responsabilidades.

Ele percebeu a grande importância dos seus poderes, e que ele não podia usá-los para tirar proveito dos outros, e sim ajudar as pessoas ao seu redor.

Um dia, uma tempestade repentina ameaçou a cidade de Chapadinha. O vento forte arrancava telhados e as águas do rio começaram a subir, ameaçando inundar as ruas. Desesperado, Enzo correu até o rio e, com um misto de medo e determinação, fechou os olhos e estendeu as mãos. Ele sentiu o vento ao seu redor, ouviu os sussurros das águas e, num esforço final, controlou a tempestade. O vento se acalmou, e as águas, como se obedecendo a um comando silencioso, recuaram. A cidade foi salva, mas Enzo sabia que seu segredo não poderia ser revelado. A partir daquele dia, decidiu usar seus poderes de forma sábia e discreta, ajudando Chapadinha nas sombras, protegendo os que amava e guardando o mistério da pedra para si.

Desde então, sempre que uma ventania suave passa por Chapadinha ou algo incomum acontece na cidade, as pessoas murmuram sobre "o guardião do vento", sem nunca imaginar que o herói silencioso era aquele mesmo menino que andava de bicicleta pelas ruas de terra

A BICICLETA AMARELA DE GABRIELLA



Gildeanny dos Reis Carvalho



Era uma vez uma menina chamada Gabriella, que tinha um grande sonho: ganhar uma bicicleta amarela.

Desde sua infância, criou um desejo de ter uma bicicleta. Sempre via outras crianças pedalando pelas ruas, mas sua família não tinha como comprar uma pois as condições não eram favoráveis e o sonho da tão sonhada Gabriella ia ficando pra frente.

Um belo dia, ao voltar da escola, Gabriella viu uma bicicleta velha e enferrujada jogada ao lado de um lixo, uma bicicleta amarela. Seus olhos brilharam, e ela decidiu que aquela seria sua bicicleta, mesmo ela estando enferrujada. Gabriella não deixou de lado o sonho da bicicleta. Passou dias limpando, pintando e ajustando a bicicleta com a ajuda do vizinho, um senhor aposentado que fez com que seu sonho fosse possível.

Quando finalmente terminou, a velha bicicleta virou o presente mais especial de todos, a bicicleta amarela. Não era nova, mas era a realização de um sonho para Gabriella. Desde pequena queria uma bicicleta, e depois de tanta esperar Gabriella teve uma tão sonhada bicicleta, a bicicleta amarela.

CHAPADA DAS MULATAS



Grazielly Carvalho Valadares



Era uma vez, em um povoado chamado Guadalupe, uma mulher chamada Jaci. Ela era conhecida em todo o povoado por fazer um dos melhores bolos de chocolate em toda redondeza. Todos do povoado consideravam Jaci como mãos de fadas, por conta de seus bolos magníficos.

Em um certo dia, Jaci soube que havia uma terra cheia de cacau logo ali perto de Guadalupe. Ela decidiu ir em busca desse cacau para poder usar em seus bolos. Passaram-se alguns dias. Logo após tudo isso, Jaci então comenta que teria ido até as terras para poder pegar cacau. As mulheres se perguntavam para qual seria o uso dos cacaos. Jaci responde que era para o uso de seus bolos. Jaci com sua simpatia e bondade consegue os cacaos com as amulatadas. Ela fica contente e agradece as amulatadas pelos cacaos. Prometeu que iria trazer um bolo de chocolate especialmente para elas, como uma forma de agradecimento.

A mulher chega ao seu destino, avistando de longe os cacaos. Ao chegar mais perto, encontra umas mulheres e se questiona: “- Essas terras não estavam abandonadas? Quem seriam aquelas mulheres tão lindas?” Ela chega nas terras, onde as mulheres estariam, e apresenta o seu povo para as mulheres amulatadas. Todos estavam encantados com as suas belezas.

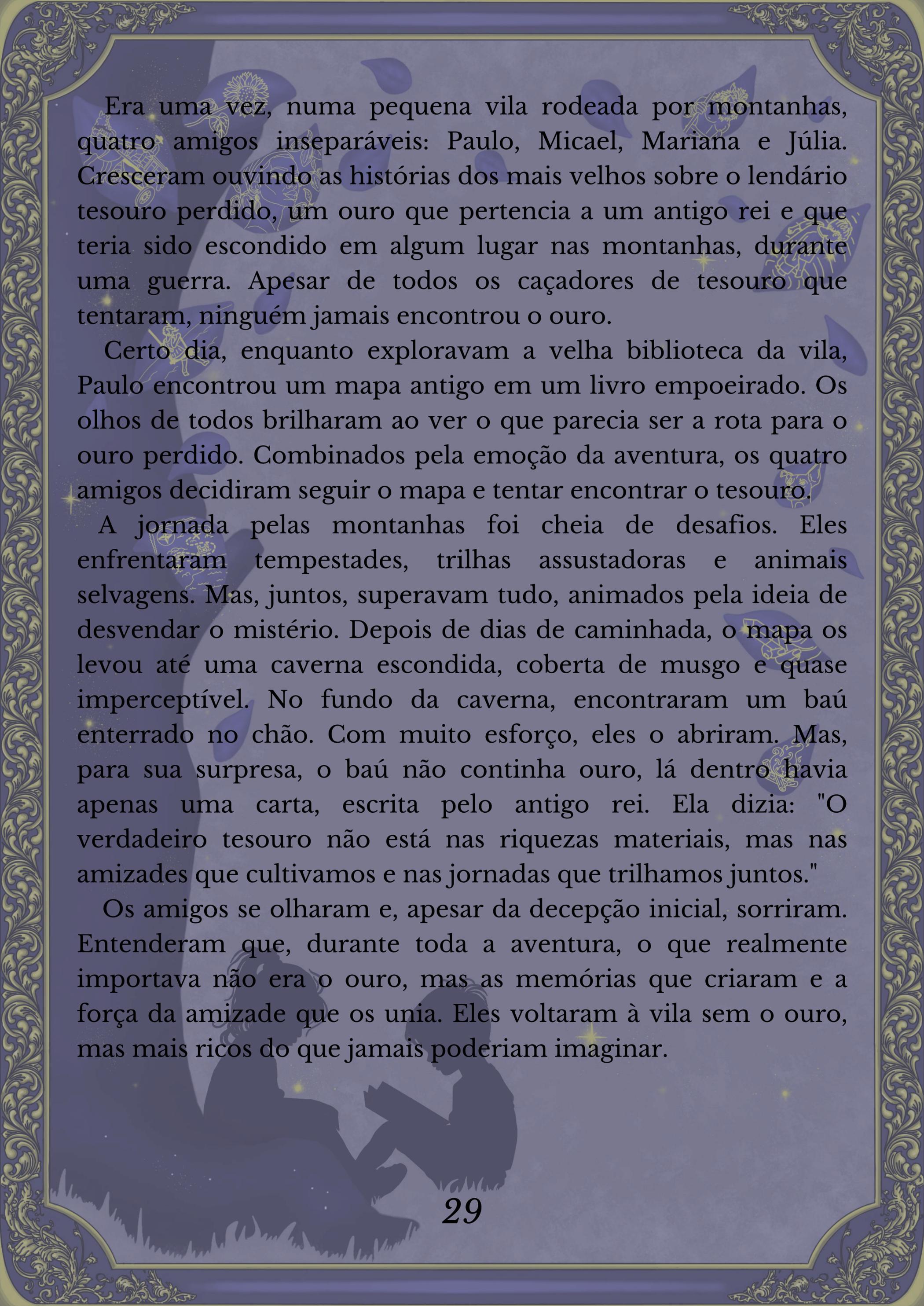
Passaram-se alguns dias, depois meses, até que todos souberam das mulheres. Logo após a repercussão da notícia, foi decidido que teríamos outro povoado naquelas terras de cacaos, que seria Chapada das Mulatas, em que teve como fundadoras as mulheres amulatadas. Foi assim que nasceu que nasceu o esse povoado onde há culturas e tradições.

A AVENTURA DO OURO PERDIDO



Itamara da Silva Sousa





Era uma vez, numa pequena vila rodeada por montanhas, quatro amigos inseparáveis: Paulo, Micael, Mariana e Júlia. Cresceram ouvindo as histórias dos mais velhos sobre o lendário tesouro perdido, um ouro que pertencia a um antigo rei e que teria sido escondido em algum lugar nas montanhas, durante uma guerra. Apesar de todos os caçadores de tesouro que tentaram, ninguém jamais encontrou o ouro.

Certo dia, enquanto exploravam a velha biblioteca da vila, Paulo encontrou um mapa antigo em um livro empoeirado. Os olhos de todos brilharam ao ver o que parecia ser a rota para o ouro perdido. Combinados pela emoção da aventura, os quatro amigos decidiram seguir o mapa e tentar encontrar o tesouro.

A jornada pelas montanhas foi cheia de desafios. Eles enfrentaram tempestades, trilhas assustadoras e animais selvagens. Mas, juntos, superavam tudo, animados pela ideia de desvendar o mistério. Depois de dias de caminhada, o mapa os levou até uma caverna escondida, coberta de musgo e quase imperceptível. No fundo da caverna, encontraram um baú enterrado no chão. Com muito esforço, eles o abriram. Mas, para sua surpresa, o baú não continha ouro, lá dentro havia apenas uma carta, escrita pelo antigo rei. Ela dizia: "O verdadeiro tesouro não está nas riquezas materiais, mas nas amizades que cultivamos e nas jornadas que trilhamos juntos."

Os amigos se olharam e, apesar da decepção inicial, sorriram. Entenderam que, durante toda a aventura, o que realmente importava não era o ouro, mas as memórias que criaram e a força da amizade que os unia. Eles voltaram à vila sem o ouro, mas mais ricos do que jamais poderiam imaginar.

A CASA DO SUSSURRO



Jhenyelle de Melo Martins



Era uma vez, em uma pequena cidade, uma casa antiga no final da rua. As crianças sempre ouviam falar dela, os boatos que percorriam na cidade diziam que era assombrada e os pais sempre alertavam que não deveriam visitá-la. A casa tinha janelas empoeiradas, teias de aranhas por toda a parte, portas que rangiam, e os ventos faziam com que parecesse que sussurrava, tornando os boatos parecerem verídicos.

Um dia, Elisa, uma menina muito curiosa, decidiu investigar aquela tão temida residência com seu amigo Caio. Ela se aproximou da casa ao entardecer. O sol se escondia atrás das árvores da rua fazendo com que houvesse uma sombra suave pelo caminho até lá.

— Você tem certeza de que quer entrar? — perguntou Caio, olhando nervoso para a porta que estava entreaberta.

— Claro! Vamos descobrir o que tem lá dentro! — respondeu Elisa, cheia de coragem.

Os dois entraram na casa e, assim que a porta se fechou, ouviram um suave sussurro: “Bem-vindos, bem-vindos...”

Elisa e Caio se olharam, mas decidiram seguir em frente. A sala estava cheia de objetos antigos: quadros empoeirados, um relógio parado, livros e uma velha cadeira de balanço que se movia sozinha.

— Isso é só o vento — disse Elisa, tentando esconder seu medo ao ver a cadeira.

Mas o sussurro continuou: “Brinquem, crianças, brinquem...”

Seguindo o som, as crianças chegaram a um quarto cheio de brinquedos antigos. Havia bonecas, carrinhos, livros infantis e até um jogo de tabuleiro, tudo ali parecia ter saído de um conto de fadas.

— Uau, olha isso! — exclamou Caio, pegando um carrinho. Assim que ele

fez isso, os brinquedos começaram a se mover sozinhos, dançando e tocando músicas alegres. Elisa ficou encantada. “Eles só querem brincar com a gente!” pensou ela. E assim a casa não parecia mais assustadora, mas sim cheia de diversão para eles. — Vamos brincar! — gritou Elisa, e os dois se juntaram à dança dos brinquedos e começaram a brincadeira. Mas, os sussurros mudaram: “Hora de ir pra casa, hora de ir...” As crianças perceberam que estava escurecendo e que precisavam voltar para casa para não preocupar os seus pais.

— Precisamos ir embora — disse Caio, um olhar triste e cabisbaixo. Com um aceno, eles agradeceram aos brinquedos e prometeram voltar mais vezes para brincar com eles. Assim que saíram da casa, o sol se pôs, e a porta se fechou suavemente. Desde então, Elisa e Caio sempre visitavam a casa do sussurro, onde aprenderam que não deveriam ter medo, pois nada de ruim poderia acontecer com eles ali. E, assim, a casa que antes era assustadora, passou a ser um lugar de diversão e especial, cheia de risos e sussurros, além de muita felicidade.

A CARONA BONDOSA



Júlia de Oliveira Coelho



Qualquer pessoa em sua fase de criança teve seus bons momentos de férias na casa da vovó, cheio de brincadeiras, comida, banhos em rios e outros primos reunidos. Tudo isso pelo mês de férias escolares. Muitas crianças em Chapadinha aguardam ansiosamente para irem passar as férias no interior, não seria diferente para os quatro irmãos: Miguel, Gabriel, Helena e Lucas.

Dona Joana, mãe dessas quatro crianças, mandou uma mensagem para uma pessoa que iria para o interior. Como nos antigos tempos a comunicação era mais difícil, principalmente para os que moravam no interior, Dona Joana avisou para Raimundo, que era vizinho de seus pais, que avisasse que os meninos iriam embarcar no ônibus das 7h ao invés do ônibus que passava as 12h, em que normalmente eles embarcavam. Eles iam descer na entrada da estrada de terra, que alguém deveria ir buscá-los.

Assim, cedinho, como de costume, Dona Joana foi embarcar os filhos em um ônibus para seguir viagem. Abençoou todos e desejou boas férias, que deveriam voltar dois dias antes do início das aulas e deveriam ser obedientes aos seus avós.

Assim, as quatro crianças embarcaram ansiosas para seguirem viagem até a estradinha de terra. Se a comunicação naquele tempo era difícil, com os meios de transportes não era diferente. Assim, a avó sempre pedia para alguém ir buscar os meninos que desembarcavam de bicicleta ou de jumento. Ali pelas 7h30min, os meninos desceram no ponto e ficaram aguardando pacientemente a chegada de alguém para levá-los. Mas foi se passando o tempo e nada de ninguém chegar. Os meninos ficaram confusos, pois sempre ao chegarem esperavam no máximo por alguns minutos até alguém aparecer. Porém, não podiam fazer nada além de esperar.

Em um certo momento, temeram terem sido esquecidos, mas ao longe avistaram um senhor com um enorme chapéu de palha na cabeça, em uma carroça puxada por um burro. Parou ao lado das crianças e falou:

— Vim buscar vocês a pedido de sua vó Maria.

Logo as crianças se olharam confusas pois nunca viram aquele senhor na vida. Então, Miguel, sendo o mais velho das crianças tomou a frente e perguntou:

— Como o senhor se chama?

— Vocês não seriam Miguel, Gabriel, Helena e Lucas? Pois bem, sou um velho conhecido de seus avós. Por favor, subam na carroça para que eu possa levar vocês.

As crianças, ao ouvirem seus nomes e sem muito o que pudessem fazer para irem embora dali, subiram na carroça com suas mochilas nas costas.

Aquele Senhor então seguiu viagem silenciosamente rumo a casa da avó Maria e avô Paulo. Os meninos, que no começo sentiram medo, logo foram se esquecendo da estranheza daquele Senhor silencioso e começaram a conversar. Helena tagarelava de como estava ansiosa para ir banhar no riacho; Lucas planejava ir quebrar cocos babaçu com a avó para que pudesse tirar azeite e Gabriel e Miguel estavam animados para encontrarem os outros primos para brincadeira.

A viagem seguia com o burro puxando a carroça a frente, enquanto passavam por paisagens com palmeiras de coco babaçu, pequenos córregos na beira da estrada e uma vegetação muito variada. Gabriel chegou a jurar que viu uma pequena raposa correndo para dentro da mata, coisa que seus irmãos não acreditavam. O velho Senhor seguia calado, ouvindo e rindo dos comentários dos jovens, mas sem se intrometer ou falar qualquer palavra. As crianças também não o perturbavam.

Ao fim, as crianças chegaram ao seu destino, observavam a casinha de seus avós com a pequena quintada na frente. Desceram da carroça quase em movimento ansiosos, gritando por sua amada vovó. Logo avistaram a avó Maria saindo de casa e se assustando.

— Mas, meus filhos, vocês não iriam chegar somente às 12h? Estava indo falar agora com nosso vizinho Raimundo para buscar vocês.

As crianças ainda eufóricas relataram que tinham sido levadas por um senhor em uma carroça, e que ele estava ali atrás, mas para sua surpresa ao olharem para trás, perceberam que não havia ninguém parado, nem rastros de poeira. A avó empalideceu com a possibilidade de algum estranho estar com seus netos.

Após todo burburinho e medo das crianças, eles explicaram toda situação, que sua mãe os havia mandado em um ônibus mais cedo e que havia mandado uma mensagem pelo vizinho Raimundo, mas o pobre vizinho, com tantas tarefas e correria, havia esquecido de repassar o recado e a avó esperava que as crianças fossem chegar às 12h como sempre. Ao descreverem o senhor, nunca se foi visto um homem com aquelas características nas regiões, e mais uma pergunta surgia: como ele sabia os seus nomes e quem era sua avó? Por todo o período de férias, as crianças relembavam a história, todos estavam certos de que não haviam inventado aquilo, mas como poderiam ter chegado na casa de sua avó sozinhos? Férias após férias nunca mais viram qualquer sinal daquele senhor com sua carroça, mas estavam certos de que algum jeito a ajuda tinha chegado a eles de forma gentil e bondosa, para que chegassem ao seu destino salvos.

O REINO ENCANTADO DAS CORES



Kelly Rânia Costa Lima



Era uma vez uma menina chamada Liz, que vivia recentemente em uma cidade chamada Chapadinha, no Estado do Maranhão onde tudo era cinza e sem graça. Um dia, andando pela casa, ela encontrou o porão, encontrou um guarda-roupa antigo e nele ela encontrou uma passagem mágica. Curiosa, Liz abriu a porta e, para a sua surpresa, o outro lado era um reino vibrante, cheio de cores brilhantes.

Lá era tudo muito colorido. As árvores eram roxas, as flores eram amarelas e o céu era de um azul profundo. As águas dos rios eram cristalina igual a diamantes.

Enquanto andava e explorava o Reino Encantado Das Cores, Liz conheceu uma princesa chamada Ayla, que tinha uma coroa que brilhava mais que as estrelas.

— Bem-vinda ao Reino Encantado Das Cores! — disse Ayla. — Aqui, a magia é feita de alegria. Mas estamos em perigo! A Rainha Má cujo nome é Amália quer apagar nossas cores.

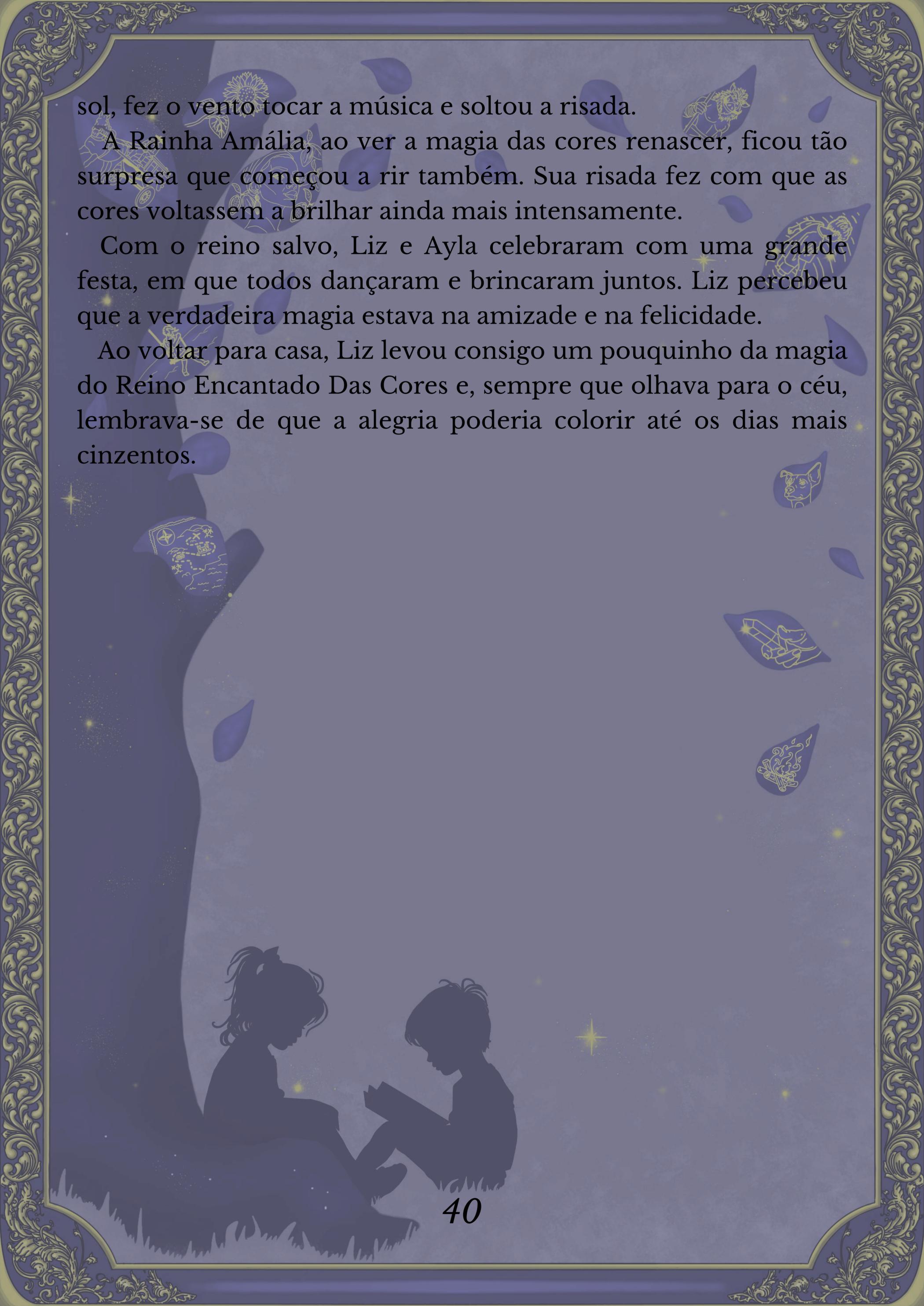
Liz, determinada a ajudar, perguntou: — O que posso fazer?

A princesa Ayla explicou que a única forma de vencer a Rainha Amália era reunir três elementos: a luz do sol, a música do vento e a risada de uma criança.

Juntas, Liz e Clara, foram em busca do sol, que se escondia atrás de nuvens escuras. Elas dançaram e cantaram até que o Sol começou a brilhar. Com um raio de luz, elas capturaram sua energia. Depois, foram ao topo da Montanha do Vento. Lá, Liz fez um sopro forte, criando uma melodia que fez o vento tocar uma canção mágica.

Por último, Liz lembrou-se de como era importante rir. Elas foram até um grupo de crianças que brincavam. Liz se juntou a elas, e suas risadas ecoaram pelo reino.

Com os três elementos em mãos, Liz e Ayla se dirigiram ao castelo da Rainha Sombria. Ao entrarem, Liz lançou a luz do



sol, fez o vento tocar a música e soltou a risada.

A Rainha Amália, ao ver a magia das cores renascer, ficou tão surpresa que começou a rir também. Sua risada fez com que as cores voltassem a brilhar ainda mais intensamente.

Com o reino salvo, Liz e Ayla celebraram com uma grande festa, em que todos dançaram e brincaram juntos. Liz percebeu que a verdadeira magia estava na amizade e na felicidade.

Ao voltar para casa, Liz levou consigo um pouquinho da magia do Reino Encantado Das Cores e, sempre que olhava para o céu, lembrava-se de que a alegria poderia colorir até os dias mais cinzentos.

NÃO LEIA NA SEXTA-FEIRA



Lara Hevelly Monteles da Costa



Quatro amigas — Melody, Liliane, Stephanie e Laisa, estavam em férias e queriam ir a um lugar diferente para aproveitar e descansar.

— Vamos para a chácara da minha avó Valquíria, fica em um vilarejo afastado, cercado por florestas e tem um lago lindo com águas cristalinas, onde podemos respirar um pouco de ar puro e nos divertir — disse Melody. Suas amigas gostaram da ideia e decidiram ir.

Durante a viagem, as quatro amigas planejaram uma lista de atividades que iriam fazer quando chegassem ao vilarejo.

— Primeiro, vamos passear pelo vilarejo para conhecer e ver de que forma podemos aproveitar o lugar — disse Liliane.

— Minha avó tem um pomar onde ela cultiva maçãs para vender, podemos ir lá visitar, colher algumas maçãs e fazer uma torta — disse Melody.

— Ótima ideia, amo cozinhar! Vou colocar aqui na lista — Laisa falou com a caneta e caderno na mão.

Então, Stephanie disse: — Eu só sei que quero banhar nesse lago bonito que Melody disse que tem lá, até trouxe roupa de banho.

Melody falou: — Claro, podemos ir em um fim de tarde e aproveitar pra tirar umas fotos. O pôr-do-sol é lindo lá! Só não podemos sair de casa durante a noite, principalmente na sexta-feira.

— Oxe! Por que não? — perguntou Stephanie.

— Minha avó sempre dizia que lá as noites de sexta-feira são muito perigosas. Sempre que pergunto o porquê, ela fica com uma cara assustada e fala que é perigoso e que não devo sair de casa — disse Melody enquanto olhava para a estrada.

As outras meninas se entreolharam e disseram: — Isso deve ser besteira de gente velha”. Ao chegar no vilarejo, as quatro amigas

baixaram o vidro da janela do carro e começaram a observar o lugar.

— Olha, tem montanhas aqui, são bonitas, podemos fazer uma trilha para explorá-las — disse Laisa já anotando na sua lista de atividades. Assim que chegaram na chácara de dona Valquíria, Melody apresentou suas amigas a ela. Dona Valquíria muito feliz as abraçou e começou a mostrar sua casa e os quartos onde elas iriam ficar. Depois as levou para tomar um chá na varanda e começou a falar sobre a tranquilidade e a beleza do lugar.

— Já fizemos uma lista de atividades durante a viagem. Vamos aproveitar bastante esses dias aqui no vilarejo — disse Laisa muito empolgada.

— Mas hoje só vamos desfazer as malas e descansar da viagem — disse Stephanie com uma cara de cansada.

Nos dias seguintes elas conseguiram realizar várias atividades da imensa lista que fizeram. Foram no pomar, fizeram tortas, andaram a cavalo, tomaram banho no lago enquanto prestigiavam o pôr-do-sol, fizeram piquenique e também fizeram fogueira à noite porque estava muito frio. Aproveitaram para conversar enquanto admiravam o céu estrelado.

Na sexta-feira à tarde, decidiram fazer a trilha pelas montanhas. Colocaram suas roupas apropriadas para o passeio. Dona Valquíria, ao ver as meninas todas arrumadas, perguntou: — O que vocês vão fazer hoje? Melody respondeu: — Vamos fazer uma trilha pelas montanhas. É a última atividade da nossa lista e hoje já é sexta-feira, amanhã iremos embora. No entanto, ao mencionar que era sexta-feira, a senhora hesitou, olhando pela janela como se esperasse por algo.

— Ah, sim, mas cheguem antes do pôr-do-sol. Hoje é sexta-feira, tomem muito cuidado — disse Dona Valquíria com uma voz baixa e séria.

— Vovó, conta logo pra gente o que acontece nas noites de sexta-feira aqui no vilarejo. A senhora sempre diz que é perigoso, mas nunca diz o porquê — falou Melody já chateada com essa história.

— Se eu falar, vocês não vão acreditar. Então, só façam o que estou dizendo, cheguem antes do pôr-do-sol — falou Dona Valquíria. As amigas de Melody se entreolharam e começaram a rir, pensando que era apenas uma superstição da velha. E disseram — Não se preocupe, chegaremos antes do jantar. E então seguiram para a trilha. Durante o percurso, as amigas ficaram se perguntando do que será que Dona Valquíria estava falando, o que poderia ser tão perigoso.

— Será que aqui tem ladrões que sequestram pessoas para vender os órgãos? — perguntou Stephanie. Melody respondeu — Sei lá, vovó já está velhinha, deve tá ficando lelé da cuca, deve ser só coisa da cabeça dela.

As quatro amigas conseguiram chegar no topo da montanha e ficaram apreciando a vista lá de cima. Laisa, olhando pro Sol disse: — É melhor voltarmos, já já vai começar a anoitecer.

— Você não está com medo do que vovó disse, né Laisa? Perguntou Melody.

— Claro que não, mas dissemos pra ela que chegaríamos antes do jantar — Disse Laisa. Na volta, as meninas, caminhando e conversando desatentas, acabaram se perdendo. O céu começou a escurecer rapidamente. Caminhando devagar tentando lembrar o caminho de volta, começaram a ouvir os sons da noite, corujas cantando, as árvores balançando com o vento frio e, de repente, um grunhido distante ecoou.

— Vocês ouviram isso? — perguntou Liliane, parando de repente.

As outras riram para disfarçar a tensão, mas Stephanie estava muito

nervosa. — Deve ser só um lobo, hoje é dia de lua cheia — disse Laisa, tentando acalmar a amiga. Continuaram caminhando, mas havia algo no ar que as faziam sentir-se observadas. Começaram a caminhar rapidamente, já com um frio na barriga, até que um som de passos pesados as deixaram paralisadas de medo. E, então, viram uma sombra que se aproximava cada vez mais delas... era um homem, parecia raivoso, com as roupas rasgadas e os olhos arregalados.

— O que vocês fazem aqui? Por acaso não sabem que é perigoso andar por aí nos dias de sexta-feira à noite? — Ele perguntou com uma voz estranha. — Sabemos sim, mas nos perdemos e não estamos conseguindo achar o caminho de volta pra casa — disse Laisa com a voz trêmula: — Pode nos ajudar?

Então, o homem disse: — Dobrem à direita e sigam direto. Mas vão rápido, já está quase na hora.

— Do que está falando, moço? Perguntou Melody.

— Acho que não vão querer saber, corram depressa! — Disse o homem. Então, elas saíram correndo, mas Melody muito curiosa parou, olhou para trás e viu o homem que começou a se contorcer, seus ossos estralavam, aos poucos ele se transformava, garras cresciam em suas mãos, e sua pele se encheu de pelos e dois chifres saíram no seu rosto, parecia um javali gigante. Quando Melody percebeu, saiu correndo com suas amigas, até que conseguiram chegar à chácara de sua avó, que as esperava na porta. Entraram rapidamente e trancaram a porta.

— Vocês o viram né? eu falei que era perigoso. — Disse a velha.

— Sim, vimos um homem que se transformou em um bicho estranho, parecia um porco gigante com chifres, foi muito assustador — disse Melody ofegante.



Então, contaram toda a história para dona Valquíria. No dia seguinte, foram embora ainda sem acreditar no que tinha acontecido.

— Que aventura!!! — elas disseram no caminho de volta pra casa
— Nunca mais vamos inventar de sair por aí dia de sexta-feira à noite.

AS AVENTURAS DE MALU E A FLORESTA ENCANTADA



Maria Eduarda Felix de Carvalho



Era uma vez uma menina que se chamava Malu. Era sonhadora e adorava explorar a natureza. Também gostava muito de estudar sobre os animais.

Um dia decidiu sair para passear na floresta perto de sua casa, viu árvores altas e cheias de frutos, flores e o doce canto dos pássaros. Ficou encantada. Então começou a explorar a floresta enquanto caminhava.

Malu sentiu uma sensação estranha, mas não deu muita atenção. De repente ouviu uma voz suave.

— Olá! Seja bem-vinda à nossa Floresta!

Malu olhou em volta confusa pois não havia ninguém por perto. A voz continuava: — Aqui embaixo! Olhe para mim!

Quando olhou para o chão, viu um coelho, com os olhos arregalados e perguntou.

— Você está falando comigo?

— Claro que sim — respondeu animado — Aqui todos os animais falam, você só não sabia ainda.

Malu ficou encantada e aos poucos outros animais começaram a se aproximar: uma borboleta sábia, uma coruja esperta e até uma raposa gentil, todos conversando alegremente.

— Como isso é possível? — perguntou Malu, surpresa.

— A floresta tem seus segredos e um deles é que, se você vier com o coração puro, pode entender a nossa linguagem. — explicou a borboleta.

Enquanto conversavam animados, a raposa deu um passo à frente e disse:

— Há algo muito importante que precisamos te contar: estamos em busca de um tesouro perdido há muitos anos, mas só alguém de fora da floresta pode nos ajudar.

Malu curiosa perguntou: — um tesouro perdido?

— Sim. — respondeu a raposa — Há muito tempo nosso antigo

guardião da floresta guardou um objeto poderoso que ele acreditava que apenas alguém de coração puro, que visse a magia ao redor, conseguiria encontrar. Desde então tentamos, mas nem um de nós conseguiu. Sentimos quando havíamos que você é a pessoa certa para essa missão. Com cara de surpresa e um pouco nervosa, indagou:

— O que eu preciso fazer? — perguntou pronta para ajudar, pois nunca havia procurado um tesouro antes. Ela estava animada para ajudar a borboleta esperta e com o sorriso travesso disse:

— A chave para encontrar o tesouro está em resolver os mistérios desta Floresta, pois em cada parte dela existem pistas que você precisará ser atenta para conseguir desvendar o mistério. Malu começou sua jornada ao lado dos animais mágicos, passando por rios encantados e até árvores falantes. A cada pista que encontrava, ficava mais feliz e ao mesmo tempo fortalecia a sua amizade com os animais.

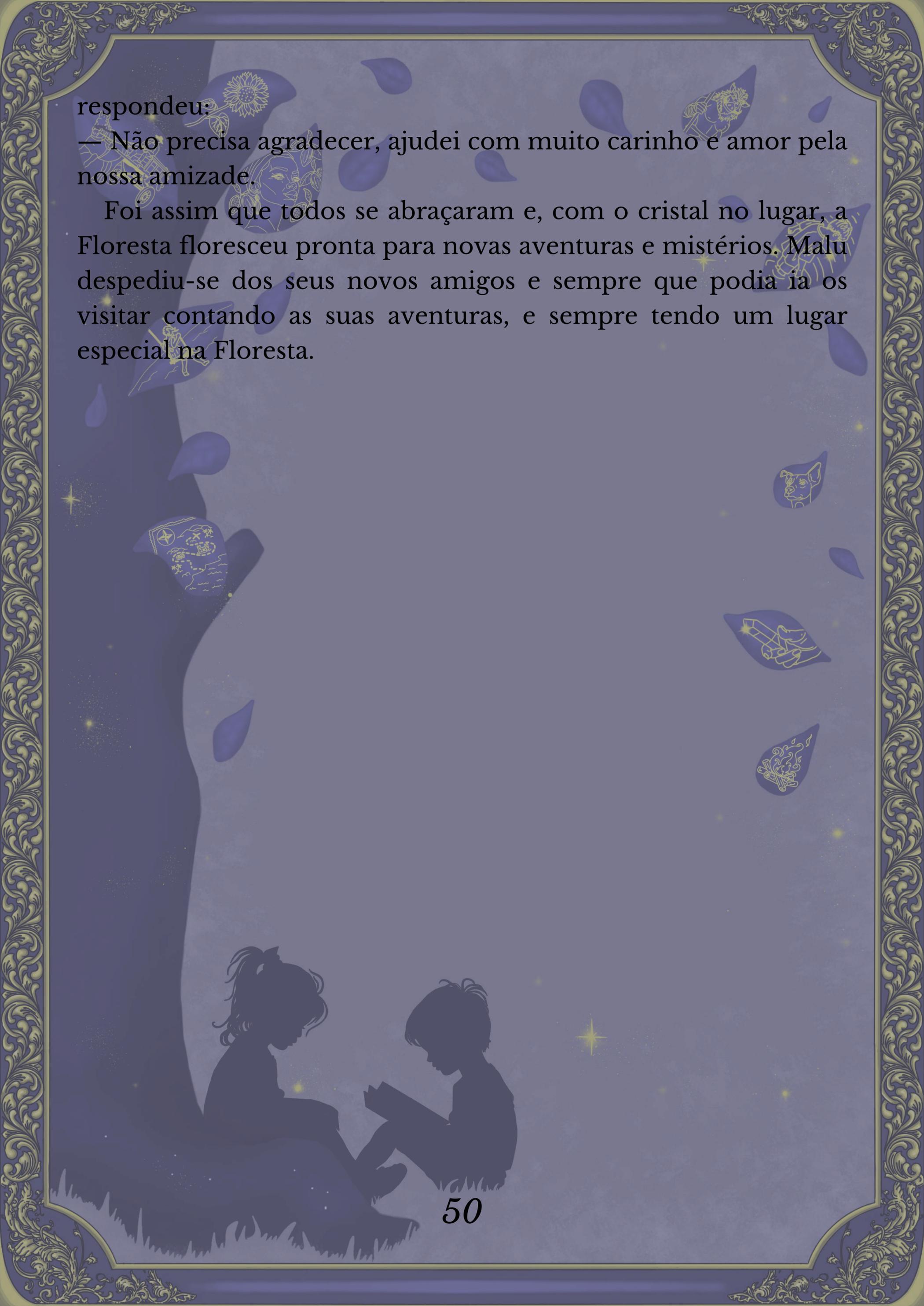
Após dias de busca, Malu finalmente chegou ao coração da Floresta onde o tesouro estava escondido. Quando abriu o baú, dentro não havia ouro ou joias, mas sim um cristal brilhante que tinha uma luz suave e calorosa. A borboleta que sempre estava ao lado explicou:

— Esse cristal é mais valioso do que qualquer tesouro. Ele guarda toda a energia desta Floresta, mas com o tempo foi ficando escondido, e sem ele corria o risco de ela perder toda a sua magia. Porém, agora você nos ajudou a restaurar o nosso mundo.

Malu pegou o cristal com cuidado e sentiu a força dele: — Agora a Floresta está salva.

— Falou a raposa.

— Graças a você, Malu, o cristal voltou para o seu lugar. Nós sempre seremos gratos por nos ajudar. Nesse momento, Malu



respondeu:

— Não precisa agradecer, ajudei com muito carinho e amor pela nossa amizade.

Foi assim que todos se abraçaram e, com o cristal no lugar, a Floresta floresceu pronta para novas aventuras e mistérios. Malu despediu-se dos seus novos amigos e sempre que podia ia os visitar contando as suas aventuras, e sempre tendo um lugar especial na Floresta.

A DESOBEDIÊNCIA



Maria Illana Ferreira da Silva



Era uma vez, uma donzela de olhos claros, sorriso cativante, cabelos longos e escuros. Dona de uma beleza muito grande, era uma menina invejada por muitas pessoas e desejada por todos daquela pequena vila onde ela morava com sua família.

Apesar de ser feliz onde vivia, seu sonho era se aventurar nas vilas e aldeias que existiam nas redondezas. Porém, andar por esses lugares era proibido por causa de uma lenda que existia há muitos anos. A lenda era que os vilarejos ao redor eram todos assombrados por uma maldição.

Essa maldição foi deixada por um mago que foi expulso da aldeia. Segundo essa maldição, todos aqueles que se aventurassem caminhando por aqueles caminhos seriam condenados a viver vagando nas florestas que existiam por ali.

Porém, a menina, por achar aquilo algo incomum, não ligava para aquela lenda chata e sem sentido. Resolveu sair sem permissão durante a noite, só que não sabia que aquela noite seria sua última noite com uma menina normal. Ao se aventurar caminhando pela floresta, uma mulher apareceu diante dela perguntando o que ela fazia no meio da mata sozinha.

Ela disse que queria conhecer os arredores, então a mulher perguntou se ela não sabia da maldição. Respondeu que não tinha medo nenhum, porque não era real. A mulher imediatamente estendeu a mão e disse: – Você será condenada a viver vagando nas noites por ter se atrevido a se aventurar nos arredores deste vilarejo! E você só se libertará quando outra moça tão bela como você se aventurar nos arredores da aldeia. Assim a menina foi condenada a viver vagando procurando aquele que fosse desobediente como ela foi.

O MENINO E O PEIXE DOURADO



Nair de Sousa Povoá



Numa pequena vila à beira do rio, havia um menino chamado Lucas. Ele tinha os olhos grandes e curiosos, sempre atentos ao que se passava ao seu redor. Lucas adorava explorar as margens do rio, onde a natureza parecia sussurrar segredos que só ele podia ouvir. A água corrente, as folhas secas que caíam das árvores, e os pássaros que cantavam ao longe faziam parte de seu mundo encantado.

Certo dia, enquanto brincava sozinho, Lucas avistou algo diferente na água. Entre as pedras do rio, algo brilhava como ouro. Curioso, ele se aproximou e viu um pequeno peixe dourado nadando tranquilo. Seus olhos se encontraram, e, naquele instante, Lucas sentiu que o peixe tentava dizer-lhe algo.

Sem pensar duas vezes, o menino colocou as mãos na água tentando pegar o peixe. Com uma agilidade surpreendente, o peixe escapou, mas não foi longe. Ele nadou em círculos, como se estivesse convidando Lucas para brincar. O menino riu e seguiu o peixe pelo rio, pulando de pedra em pedra, sentindo a alegria pura da infância.

Após algum tempo, Lucas conseguiu finalmente segurar o peixe entre as mãos. Mas ao olhar nos olhos do pequeno ser, percebeu algo especial: aquele peixe parecia diferente, como se tivesse um brilho mágico. Lucas, então, sentiu que não deveria mantê-lo fora da água por muito tempo.

Com delicadeza, ele devolveu o peixe ao rio, mas antes de soltá-lo, sussurrou: - Vou te visitar todos os dias, está bem?! Somos amigos agora.

O peixe nadou em círculos mais uma vez, como se concordasse, e desapareceu na correnteza. A partir daquele dia, Lucas fez questão de visitar o rio todas as tardes. Ele se sentava em sua pedra preferida e ficava ali, conversando com o peixe

nadando, brilhando como ouro sob a luz do sol, lembrando-lhe um tempo em que o mundo era simples e cheio de magia.

E, assim, o rio e o peixe dourado permaneceram em seu coração, como uma lembrança eterna de sua infância, uma época em que ele acreditava que tudo era possível, e onde a amizade podia ser encontrada até mesmo nas águas cristalinas de um rio

HISTÓRIAS COM A AVÓ



Paulo Henrique Moraes de Sousa



Lembro-me como se fosse ontem, quando costumava ir rotineiramente para a casa dos meus avós em minha cidade natal chamada Vargem Grande. Naquela época, costumávamos ir todas as férias para o sítio dos meus avós, eu e meus primos. Todas as noites a gente se juntava ao redor da fogueira da casa da vó Delza. As chamas dançavam nas sombras da sala, iluminando os rostos curiosos e, ao mesmo tempo, inquietos dos netos.

A cada noite, era a mesma expectativa. Depois do jantar, com as barrigas cheias, sentávamo-nos em volta da mesa, ansiosos pela história da vez. Vó Delza, sentava-se na sua velha cadeira de balanço. Ela tinha o dom de contar histórias que nos faziam estremecer, mas, ao mesmo tempo, nos prendiam com um fascínio que era impossível desviar.

— Hoje vou contar a história da Dona Gertrudes e a casa no morro — começou. Sua voz era baixa e grave. Imediatamente, nos ajeitávamos nas cadeiras, trocando olhares. Aquela era uma das mais assustadoras.

Dona Gertrudes, uma velha que morava sozinha numa casa isolada no topo do morro, era conhecida por ser uma mulher estranha. Diziam que ela nunca envelhecia e, ao cair da noite, ouvia-se o som de passos e sussurros vindos de sua casa. Os corajosos que se atreveram a passar por lá de noite afirmavam ter visto sombras de figuras que não pertenciam a este mundo. — Reza a lenda — continuou a avó — que ela tinha um segredo. Alguns diziam que Dona Gertrudes fazia pactos com espíritos, outros falavam de bruxaria. Mas ninguém sabia ao certo, até que um dia um menino, curioso demais para o próprio bem, resolveu investigar.

A essa altura, o silêncio na sala era quase sufocante. Só o crepitar da lenha quebrava a tensão.

— O menino, que se chamava Pedro, esperou uma noite escura e sem lua. Com a lanterna em mãos, subiu o morro e escondeu-se entre as árvores em frente à casa de Gertrudes. A luz dentro da casa estava fraca, mas o suficiente para ele ver uma sombra se movendo pela janela. Ele se aproximou, tentando não fazer barulho.

Quando chegou perto o suficiente, olhou pela fresta da porta, e o que viu... — a avó fez uma pausa dramática, e todos nós prendemos a respiração — ele viu que não era Dona Gertrudes ali dentro.

— Mas quem era então? — perguntou um de nós, a voz trêmula, no caso eu que era o mais curioso e medroso.

— Ninguém sabe — respondeu a avó — Tudo o que Pedro viu foi uma figura alta e magra, com braços longos demais e olhos que brilhavam no escuro. Quando a criatura virou a cabeça na direção da porta, Pedro saiu correndo morro abaixo, sem olhar para trás. Dizem que ele nunca mais foi o mesmo depois daquela noite. E Dona Gertrudes?

Bem... ela desapareceu pouco tempo depois.

Terminando a história, vó Delza nos olhou, e todos estávamos paralisados. O vento assobiou de novo lá fora, e parecia que as sombras na parede se moviam mais rápido.

Mesmo sabendo que era tudo apenas uma história, naquela noite, ninguém teve coragem de dormir com a janela aberta.

A CASA NO CAMPO



*Rayanne Cristina
de Sousa da Silva*



Rebeca era uma menina muito alegre e disposta, morava com seu pai, sua mãe e seu irmão.

Certo dia, eles foram fazer uma viagem para uma casa que eles tinham no campo. Lá era tudo muito bonito, as árvores com suas cores verdes e suas flores enfeitavam a paisagem, o vento soprava uma brisa aconchegante e suave.

Um tempo depois de chegarem, sua mãe foi organizar a cozinha para preparar uma refeição, já Rebeca, seu pai e seu irmão, foram passear e visitar o lugar.

O pai de Rebeca alertou para ficarem sempre juntos para não se perderem uns dos outros. Mas Rebeca acabou ficando para trás, pois seguiu um pássaro muito bonito que passava voando por ali. Quando percebeu já não via mais nem seu pai, nem seu irmão. E ficou apavorada. Tempo depois foi que seu pai e seu irmão perceberam que Rebeca havia se perdido deles. E saíram à sua procura.

Começou a anoitecer e Rebeca ficou preocupada. “E se ela nunca mais encontrasse o caminho de volta para casa?” Assim ficou triste e começou a chorar.

De repente, avista de longe seu pai que estava à sua procura. E saiu correndo para abraçá-lo.

– Papai, eu estava com tanto medo! – Disse Rebeca.

– Está tudo bem agora, filha. – Respondeu seu pai acariciando sua cabeça.

Eles voltaram para casa e Rebeca prometeu que nunca mais ia se distrair em lugares que ela não conhecia.

O CACHORRO RIDER



Zilmara Oliveira de Sousa



Nas ruas da cidade grande, rodeada de arranha-céus e ruas de turbulências, vivia o cachorro Rider, esperto e sem paciência, balançava o rabinho, rua acima e rua abaixo, talvez em busca de uma residência.

“Sai pra lá, cachorro!”

“Sai, seu fedido!” Era o que mais falavam ao pobre cachorro de rua.

Os dias passaram e Rider, por sorte ou por sabedoria, encontrou um amigo.

– Venha comer, cachorro! – Disse um senhor, e Rider logo se animou.

– Au! Au! Au! – latiu o cachorro. Um “claro que sim” ou um “até que enfim”.

Não sabendo este senhor, Rider seria seu protetor, depois de seguir o senhor um dia inteiro. Rua acima e rua abaixo, chegaram enfim à casa do seu novo amigo, agora seu dono e companheiro. Em uma noite nebulosa, o barulho assustador ecoou, e o cachorro logo rosnou. Alguém, que não queria saber do bem, tudo de valor levou, mas ao cachorro magoou.

Sem bens, somente os dois como companheiros ficaram um ao lado do outro e voltaram ao interior, lugarzinho natal do senhor.

Agora, em uma vida simples, o cachorro Rider havia encontrado um dono e um lugarzinho sossegado e acolhedor para correr e brincar, para lá e para cá, e um dono, amoroso e cuidadoso o qual agora não estaria mais tão sozinho em seu pequeno lar. Longe das turbulências e correria da cidade grande, os dois agora estavam a descansar.

ORGANIZAÇÃO

Diwlay Bacelar Marinho



É artista, poetisa e professora. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC; Graduada em Letras - Língua Portuguesa, Inglês e suas respectivas literaturas, Pedagogia e especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP. Graduada em Geografia e pós-graduada em Literatura e ensino pela Universidade Estadual do Maranhão -UEMA.

Já publicou 3 poesias na Coletânea “Amor que Redime”, na Antologia “Versos Delas para Elas” e Antologia Poética “Poetize 2024”. E compartilha seus escritos no instagram @arteira_poetisa.

Atualmente é professora - Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão- IEMA e na Faculdade do Baixo Parnaíba -FAP. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literatura.



FACULDADE
DO BAIÃO PARANÁ



